

16
DAYS

16 DIAS DE ATIVISMO PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES
25 de novembro a 10 de dezembro de 2005

PARCEIROS VIOLENTOS E O RISCO DO HIV/AIDS

Graças aos estudos e casos documentados por organizações e grupos de mulheres, bem como as próprias pesquisas e intervenções de diversas agências das Nações Unidas, admite-se hoje que a violência contra as mulheres é uma grave violação dos direitos humanos e um problema de saúde pública, uma epidemia que muitas vezes vincula-se à epidemia da AIDS¹.

A violência contra as mulheres e a AIDS têm vários pontos de intersecção, tais como o abuso sexual contra mulheres e meninas em situações de conflito armado, a violência contra as trabalhadoras sexuais, o tráfico e a exploração sexual de mulheres e meninas e a utilização pela indústria pornográfica, entre outros, mais cotidianos, como a violência perpetrada pelo parceiro da mulher dentro de sua própria casa.

Esse tipo de violência está presente profusamente em todos os países da América Latina e do Caribe, trazendo para as mulheres o real risco de serem infectadas com o HIV. Um estudo de vários centros sobre a América Latina e o Caribe sobre os perfis de violência doméstica demonstrou uma associação positiva entre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e violência intrafamiliar². Esse tipo de violência inclui:

- *Violência Física:* empurrões, golpes, socos, ataque com armamentos, homicídio.
- *Violência Sexual:* violações, coerção e abuso incluindo o uso da força física, ameaças verbais, assédio sexual, toques indesejados pelas mulheres, participação forçada em pornografia ou outros atos degradantes que muitas vezes persistem no tempo e estão acompanhados por ameaças da parte do perpetrador.
- *Violência Psicológica:* proibir as mulheres de verem seus amigos, amigas e familiares, intimidação, diminuição de recursos, proibição de trabalhar, confiscar seus ganhos, ameaças contra filhos e filhas.

Onde e Como a Violência no Casal se Encontra com o HIV/AIDS?

O vínculo entre a violência no casal e o HIV/AIDS se explica tanto por fatores biológicos como por fatores sócio-econômicos e culturais; todos eles têm um denominador comum que é a desigualdade de gênero, que afeta a capacidade da mulher realizar e proteger seus direitos humanos, sexuais e reprodutivos.

- ▶ **Transmissão Direta através da Violência Sexual:** A relação forçada ou coagida com um parceiro infectado é uma das vias de transmissão tanto do HIV quanto de outras DST's às mulheres. O risco biológico de transmissão em uma relação violenta está determinado pelo tipo de ataque sexual (anal, vaginal ou oral, de mais a menos perigosos nessa mesma ordem), a preexistência de outras DST's e a idade. A imaturidade imunológica de seu sistema reprodutivo e sua incapacidade para proteger-se contra relações forçadas aumentam o risco. A possibilidade de transmissão também aumenta com o grau de trauma, lacerações vaginais e feridas que ocorram quando se usa a força.

- ▶ **Transmissão Indireta através de Condutas Sexuais Arriscadas:** Há evidências de que a relação violenta contra as mulheres e meninas, e a infecção pelo HIV pode ser mediada indiretamente por condutas arriscadas da parte das sobreviventes da violência. Diversos estudos mostram que as mulheres e especialmente as meninas que testemunham e experimentam violência têm condutas arriscadas, como a ausência de proteção, o abuso de drogas e do álcool, ter parceiros múltiplos ou atividades sexuais a troca da sobrevivência (sem serem necessariamente trabalhadoras sexuais), arriscando-se assim à violência e às DST's, incluindo o HIV/AIDS.

O abuso sexual durante a infância e a iniciação sexual violenta durante a adolescência estão associados a condutas sexuais de risco por parte dessas mulheres.

- ▶ **Transmissão Indireta por Incapacidade de Negociar o Uso do Preservativo:** Algumas pesquisas sugerem que a violência limita a capacidade das mulheres negociarem o uso do preservativo. “Quando as mulheres demandam o sexo seguro – o uso do preservativo ou a relação sem penetração – o homem poderia sentir-se diminuído e valer-se da violência, obrigando a sua parceira a uma relação sexual sem proteção alguma; também influem os costumes a respeito da fidelidade dentro do casal: por exemplo, o homem que se permite ter relações sexuais fora do casamento e adquire esse hábito; na maioria dos casos, sua mulher não pode exigir-lhe fidelidade e não se nega a ter relações sexuais, tampouco lhe pede o uso do preservativo”³.
- ▶ **Riscos das Adolescentes em Relações Forçadas com Homens Mais Velhos:** Na Nicarágua, um estudo descobriu que as mulheres que foram severamente abusadas em sua infância e adolescência fizeram sua iniciação sexual em média dois anos mais cedo e reportaram um número mais alto de parceiros sexuais que aquelas que não tinham experimentado abuso sexual ou sofreram um abuso sexual menos intenso⁴.

Uma revisão de vários estudos sugere que uma proporção significativa de adolescentes mulheres tem relações com homens entre 5 e 10 anos mais velhos do que elas. Nesse tipo de relações, o homem mais velho é quem controla a relação sexual, incluindo o uso de preservativos e contraceptivos, valendo-se em certas ocasiões de violência.⁵

- ▶ **Homens Abusivos Aumentam o Risco do HIV/AIDS para suas Parceiras:** Há estudos que revelam que os homens abusivos são mais propensos a ter sexo extraconjugal, contrair DST's e colocar suas esposas e/ou parceiras em risco. As pesquisas mostram que esses homens violentos têm múltiplas parceiras sexuais e usam o dobro da violência sexual contra suas parceiras se comparados àqueles que não se valem de violência sexual.

O Pouco Uso de Preservativos

Em um estudo da população geral de 24 cidades do Peru, 44% dos homens entre 18 e 29 anos disseram que pagavam para ter relações sexuais e 45% deles nem sempre usavam preservativos com os/as trabalhadores/as sexuais; 12% indicaram que haviam tido relações sexuais com outros homens (68% deles não usavam preservativos regularmente).

Outros estudos em cidades peruanas constataram que 87% dos homens que têm relações sexuais com homens também têm com mulheres, e confirmaram as taxas muito baixas de uso de preservativos, independentemente do sexo do parceiro ou parceira, e revelaram níveis elevados de DST's como sífilis e herpes.

Na Venezuela, o HIV se propaga principalmente por meio de práticas sexuais entre homens, uma proporção significativa dos quais também tem relações sexuais com mulheres (Ministério da Saúde e do Desenvolvimento Social da Venezuela, 2003).

Um estudo realizado no Equador mostrou que 43% dos estudantes universitários eram sexualmente ativos, porém quase a metade deles nunca havia usado preservativos.

Fonte: UNAIDS, *América Latina. Estatísticas e Características do HIV/AIDS, Final de 2002 e 2004.*

- ▶ **Violência como Consequência do Fato de Ser Soro-Positiva:** A violência ou o medo de violência revelou-se como uma barreira para que as mulheres busquem os serviços de saúde a fim de detectar o HIV por meio de exames ou testes, consigam apoio psicológico, tratamento com antivirais e previnam-se contra infecções pós-parto.

Em muitos lugares, as mulheres têm medo de pedir dinheiro ou permissão aos seus esposos para buscarem exames ou informações sobre o HIV/AIDS. Em alguns casos, os homens as proíbem explicitamente de fazer testes⁶.

Entre 16 e 86% das mulheres dos países em desenvolvimento preferem não comentar sua situação a respeito do HIV/ADS com seus parceiros.

- ▶ **A Violência Também Pode Ser um Resultado da Infecção pelo HIV:** Quando mulheres revelam que são portadoras do HIV, enfrentam também o risco tanto da violência quanto do abandono por parte de seus parceiros, familiares e amigos. Um estudo realizado nos Estados Unidos mostrou que 20,5% das mulheres infectadas pelo HIV reportaram abuso físico (OMS, 2000). Paralelamente, algumas trabalhadoras sexuais têm reportado um aumento da violência por parte de seus clientes, porque esses tendem a vê-las como as principais responsáveis pela infecção do HIV.⁷

O Papel dos Serviços de Saúde

A violência pode impedir que as mulheres acessem os serviços de saúde para atender sua situação e menos ainda para detectar DST's, incluindo o HIV.

Os serviços de saúde sexual e reprodutiva que incluem a atenção ao HIV/AIDS e à saúde materno-infantil são um ponto de entrada central para identificar e atender tanto às mulheres que sofrem violência como aquelas infectadas pelo HIV.

A existência de normas e a capacitação transversal do profissional de saúde na relação entre a violência e os riscos das DST's, incluindo o HIV, melhoram a possibilidade de detectar e tratar ambos fenômenos com um entendimento baseado nos direitos humanos, sexuais e reprodutivos de mulheres e meninas. Assim, o profissional estaria em condições de informar essas mulheres sobre seus direitos e serviços de apoio.

O profissional também pode criar um ambiente de segurança e confidencialidade que promova o acesso aos serviços tanto das mulheres soro-positivas quanto daquelas que vivem situações de violência.

Além disso, os centros de saúde podem se integrar às redes comunitárias que apóiam mulheres vítimas de violência ou do HIV nos serviços apropriados.

O profissional de saúde pode ter um papel importante em conectar essas mulheres a grupos de apoio e auto-ajuda.

É importante que os serviços de saúde desenvolvam respostas específicas à violência contra as mulheres baseadas nos recursos existentes, na capacitação profissional, opções de derivação e oferta de outros serviços.

A Campanha Global pelos Microbicidas

Os preservativos femininos e masculinos são a maneira mais segura que as mulheres têm de se protegerem contra o HIV/AIDS. No entanto, muitas delas não os utilizam por que seus parceiros simplesmente rejeitam o seu uso.

Diante dessa situação, os microbicidas – produtos que estão sendo desenvolvidos para prevenir a transmissão sexual do HIV e outras DST's – poderiam ajudar as mulheres a se protegerem contra relações abusivas e doenças transmitidas sexualmente, incluindo a infecção pelo HIV, e melhorando assim a sua qualidade de vida.

Organizações e grupos de mulheres de todo o mundo estão conduzindo uma campanha mundial pelo desenvolvimento dos microbicidas⁸.

1. Coalizão Global sobre as Mulheres e a AIDS – Organização Mundial de Saúde. "Violence Against Women and HIV/AIDS: Critical Intersections. Intimate Partner Violence and HIV/AIDS" ("Violência contra a Mulher e HIV/AIDS: Intersecções Críticas. Violência pelo Parceiro Íntimo e o HIV/AIDS"). Série de Boletins Informativos, Número 1, 2005.
2. Kishor, Sunita e Johnson, Kiersten. "Profiling domestic violence: a multi-country study" ("Estabelecendo os Perfis de Violência Doméstica: um Estudo Multicultural"). ORC Macro. Maryland. June, 2004.
3. La Boletina N° 56: "Prevención del VIH/SIDA en las mujeres: Una tarea urgente" (Prevenção contra o HIV/AIDS nas Mulheres: uma Tarefa Urgente). Manágua, Nicarágua, Julho de 2004.
4. Olson A, Ellsberg M, Berglund S et al. 2000. "Sexual abuse during childhood and adolescence among Nicaraguan men and women: a population-based anonymous survey". ("O Abuso Sexual durante a Infância e a Adolescência entre Homens e Mulheres Nicaraguenses: uma Investigação de Anônimos entre a População". Child Abuse & Neglect 24 (12): 1579-1589.
5. Luke N and Kurz K. 2002. *Cross-generational and transactional sexual relations in Sub-Saharan Africa: Prevalence of behavior and implications for negotiating safer sexual practices* ("Relações Sexuais Transacionais e entre as Gerações na África Sub-Sahariana: a Prevalência de Comportamento e Implicações para a Negociação de Práticas Sexuais Seguras". Washington, DC: Centro Internacional para Pesquisas sobre Mulheres (ICRW).
6. Human Rights Watch. 2003. "Just died quietly: Domestic violence and women's vulnerability to HIV in Uganda" ("Acabou de Morrer em Silêncio: Violência Doméstica e a Vulnerabilidade das Mulheres ao HIV em Uganda"). Vol. 15. N° 15 (A). New York: Human Rights Watch.
7. GenSalud, "Unidad de Género, Etnia y Salud" ("Unidade de Género, Etnia e Saúde". Organização Pan-Americana da Saúde. Folheto Informativa "La violencia de género y el VIH/SIDA" ("A Violência de Género e o HIV/AIDS"). Washington D.C., EUA, 2005.
8. Maiores informações no seguinte endereço: www.global-campaign.org